

PERCURSOS DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE JOVENS ADULTOS HOMOSSEXUAIS

Érico Douglas Vieira¹

Lorena Assis Peres²

Resumo: O presente artigo trata de um relato de pesquisa cujo objetivo foi investigar as vivências na construção identitária de jovens adultos homossexuais. Para a compreensão da relação entre a busca da construção da identidade em sujeitos que se percebem como homossexuais e os processos sociais obstrutivos heteronormativos, realizou-se uma pesquisa qualitativa, com sete sujeitos homossexuais entrevistados. As entrevistas foram analisadas segundo a teoria fundamentada dos dados, procedendo-se a codificação das entrevistas e a elaboração de categorias representativas dos temas principais. A construção da identidade homossexual passa pela descoberta da orientação e pelo ensaio do momento da revelação. Existem suportes sociais e pessoais para a vivência da identidade homoafetiva, bem como inúmeros obstáculos pessoais e sociais. Espera-se com essa pesquisa contribuir para a diminuição do estigma e preconceito lançado sobre as identidades homossexuais e dar voz a um segmento social pouco considerado.

Palavras-chave: Identidade. Homossexual. Heteronormatividade.

INTRODUÇÃO

Apesar de alguns avanços recentes, a sociedade brasileira permanece amplamente heterocentrada definindo como “natural” e “normal” as relações sexuais entre homens e mulheres (WELZER-LANG, 2001). As outras sexualidades – homossexualidades, bissexualidades, transexualidades – são, na melhor das hipóteses, admitidas como “diferentes”. A perspectiva de gênero, que foi originada pela preocupação em problematizar o lugar da mulher na sociedade, articula dois eixos: a dominação masculina e a visão heterossexuada de mundo. Primeiramente, a perspectiva de gênero contribuiu para desconstruir a ideia de que a anatomia é o destino. As

¹ Professor do curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí. E-mail: ericopsi@yahoo.com.br.

² Psicóloga pela Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí. E-mail: lorenaaperes@hotmail.com.

fronteiras entre os gêneros masculino e feminino foram social e historicamente construídas através de um paradigma naturalista (BRUSCHINI; SARTI, 1990). Os estudos sobre a mulher denunciaram uma hierarquia social na qual uma suposta superioridade do homem daria a ele autorização para dominar, explorar e, até mesmo, violentar as mulheres (SAFFIOTI, 2001). O sexismo é fruto de uma cultura falocrática que está impregna no imaginário social veiculando representações, opiniões, práticas que desqualificam as mulheres, vistas como seres com menor prestígio social (SMIGAY, 2002).

Os estudos e movimentos feministas visam à transformação das relações de gênero, mais especificamente, a modificação da dominação masculina (WELZER-LANG, 2001). A visão essencialista, que atribui defeitos e qualidades inerentes a cada sexo, desmorona perante uma análise na adoção de uma perspectiva crítica de gênero. Não é possível entender a discriminação em relação aos homossexuais desvinculada da dinâmica das relações tradicionais de gênero. Um sujeito homossexual masculino é visto como alguém que adota comportamentos do sexo oposto. Por isso, a homossexualidade masculina é mais estigmatizada. A subversão de alguém do grupo dominante que incursiona no universo de um grupo dominado, o mundo feminino, é fortemente censurada (GOUVEIA; CAMINO, 2009).

Arelada à dominação masculina, a visão heterocentrada elege a sexualidade heterossexual como legítima e as demais como marginais. Percebe-se certa tolerância opressiva que admite as outras sexualidades como diferentes. Pode-se entender o heterossexismo como uma discriminação e opressão calcadas numa diferenciação a respeito da orientação do desejo sexual. A heterossexualidade é tomada como modelo superior de conduta com a subordinação sutil das demais sexualidades (WELZER-LANG, 2001). Neste modo de gestão de corpos e desejos, as pessoas que querem viver sexualidades não-heterocentradas enfrentam a estigmatização e a violência das diversas manifestações homofóbicas (SMIGAY, 2002). A homofobia pode ser entendida como uma necessidade de se afirmar uma postura de virilidade diante da repulsa em relação a identidades que subvertem as prescrições sociais para a masculinidade. A grande maioria dos homossexuais agredidos são homens devido à sensação de subversão que o homoerotismo produz no mundo masculino (GOUVEIA; CAMINO, 2009).

O entendimento da sexualidade é permeado por classificações fundamentadas em oposições e hierarquizações entre masculino/feminino e ativo/passivo. A relação ativo/passivo retrata a heterossexualidade como norma, colocando a homossexualidade como subversão da norma baseado na posição ocupada de inferioridade. Devido a tal subversão dos ordenamentos, a homossexualidade é tratada como invisível ou estigmatizada (ANJOS, 2000). O estigma de um segmento social coloca os indivíduos em uma posição de depreciação de pouco prestígio. Geralmente as pessoas interpretam o estigma como um atributo de inferioridade ou como uma fraqueza moral. Quando alguém é reconhecido como portador do estigma, este passa a ser percebido como alguém sem valor e os outros acabam se afastando dele (SILVA, 2007).

É preciso reconhecer que os homossexuais e bissexuais começam, aos poucos, a terem algum espaço na sociedade, que pode ser devido aos grandes esforços de grupos militantes ou à tentativa de cooptação destes grupos pela ideologia do consumo (MERENGUÉ, 2001). França (2006) aponta que, a partir da década de 1990, houve na cidade de São Paulo uma expansão do movimento e da cena homossexual. Antes confinados somente em guetos, houve uma expansão para as áreas mais ricas da cidade com a oferta de estabelecimentos comerciais e pontos de lazer destinados a este segmento. Concomitante ao ganho de visibilidade destes grupos, percebe-se um aumento de diversos tipos de manifestações homofóbicas.

A partir deste contexto, pretende-se neste trabalho compreender as experiências de jovens adultos que se percebem como homossexuais. Através de uma pesquisa de natureza qualitativa, foram entrevistados jovens adultos homossexuais, objetivando-se pela escuta dos seus relatos desvendar sentimentos, sofrimentos, desafios e perspectivas de pessoas que encarnam identidades sexuais marginais. Interessa à equipe de pesquisa dar voz a um segmento que ainda tem dificuldades para ter uma visibilidade pública e uma legitimação social. Através deste trabalho, os percursos percorridos pelos sujeitos que se percebem como homossexuais para a construção das suas identidades são delineados. Espera-se contribuir para a diminuição do estigma e do preconceito lançado sobre as identidades homossexuais. Entendemos que a ciência deve ter um papel político e buscar a transformação da sociedade.

Primeiramente, será feito um breve percurso histórico sobre os significados atribuídos à homossexualidade. O método será apresentado, bem como os resultados e a discussão.

1 OS SIGNIFICADOS DA HOMOSSEXUALIDADE: BREVE PERCURSO HISTÓRICO

Na Grécia Antiga temos relatos sobre relações homossexuais permeadas pela concepção de sexualidade como uma atividade de poder masculino e de aprendizagem da masculinidade. O que se entende por homossexualidade nos dias atuais não está relacionado ao tipo de experiências ocorridas nessa sociedade, na medida em que a prática sexual entre dois homens tinha caráter mais pedagógico do que sexual (CORINO, 2006). A sociedade grega não reprovava a alternância entre atividades homossexuais e heterossexuais exercida pelos homens (OLIVEIRA, 2002). No mundo antigo grego, a mulher era vista como um agente secundário cuja função era gerar novos cidadãos, guerreiros e políticos. Desta forma, relacionar-se sexualmente com outro homem tinha como significado relacionar-se com alguém semelhante em inteligência intelectual e física. Além da completude buscada nessas relações entre iguais, havia o caráter pedagógico: a iniciação sexual do homem jovem entre 12 e 18 anos era feita com um homem adulto, que lhe passava os ensinamentos de como se tornar homem. Essa relação era aceita socialmente e recebia o nome de *pederastia*. O jovem era chamado de *eromenos* e o adulto de *erastes*, ambas palavras que em sua origem tem o prefixo *Eros*, que significa amor (CORINO, 2006). As relações entre homens eram importantes para o exercício da masculinidade e não havia tolerância para qualquer tipo de relação que não fosse de caráter educacional como a tradição mandava. Os homens que tivessem atitudes que os associassem ao feminino eram altamente reprovados socialmente (DOVER, 1994).

Na Roma Antiga existem relatos que mostram que a bissexualidade era uma prática normativa sendo atividade exercida, inclusive, pelos imperadores. No entanto, não há tantos registros sobre essa atividade quanto os encontrados na Grécia Antiga. O caráter novo de Roma é que houve a busca de relações homossexuais somente para a obtenção de prazer. Embora houvesse tolerância com as práticas homossexuais, os homens livres que abrissem mão da sua virilidade eram altamente reprovados. A homossexualidade, portanto, nestas sociedades era aceitável desde que não ferisse os ideais da virilidade masculina. O homem livre poderia exercer práticas homossexuais, desde que isto fosse feito em uma posição dita ativa (OLIVEIRA, 2002).

Na Idade Média, onde a sexualidade era supervisionada pela Igreja, o sexo era disciplinado para ter a finalidade única de reprodução da espécie. Qualquer tipo de atividade sexual que não tivesse este intuito era considerada pecado, incluindo atos homossexuais (JURKEWICZ, 2005). A Igreja tinha interesse em combater as práticas homossexuais, pois estas lhe causariam prejuízo, com a dispersão do foco da reprodução. No período medieval, além da influência da Igreja, existiam no imaginário social representações da homossexualidade como algo imoral, bárbaro, associado ao estrangeiro, ou seja, ao desconhecido inimigo.

No século XIX houve uma importante mudança de significados: de uma prática condenada moralmente para a ideia de patologia. As disciplinas científicas passaram a estudar os comportamentos sexuais para entender melhor as expressões do desejo humano e para tentar disciplinar estas expressões. As diferenciações entre os instintos do homem e da mulher e as especificações do papel sexual de cada gênero, colocaram os que não se encaixavam nos papéis naturais como doentes (OLIVEIRA, 2002). Neste período, mais precisamente no ano de 1869, percebe-se o surgimento das nomenclaturas homossexualidade e heterossexualidade que perdura até os dias atuais.

A partir da década de 1970, diversas pressões sociais construíram um movimento que busca o fortalecimento de identidades não heterocentradas. Outras categorias ampliam o espectro como os bissexuais, os transexuais, os travestis. A orientação do desejo é uma das dimensões do sujeito homossexual, existindo uma identidade mais ampla. Surgiram movimentos organizados como o GLS - gays, lésbicas e simpatizantes - que promoveram um avanço na direção do respeito à igualdade de direitos e cidadania dos homossexuais. Posteriormente, em 1998, vemos a mudança de atribuição de significados na própria sigla do movimento com a necessidade de nomear a luta de outras diversidades sexuais passando a nomear o movimento em GLBT - gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. Hoje em dia, vemos o uso diversificado de formas de se referir ao movimento, sendo chamado de GLBT, LGBTT, LGTB. Em 2008, em solidariedade ao movimento feminista, houve um consenso para a mudança final da sigla para LGBT. Assim, privilegia-se a luta das mulheres na conquista dos direitos sexuais (FACCHINE; FRANÇA, 2009).

A homossexualidade ainda é percebida de forma negativa, o que gera reações homofóbicas na forma de agressões físicas e psicológicas contra pessoas de orientação sexual não heterossexuais. Ainda vivemos em uma sociedade heteronormativa, onde o esperado é a união heterossexual, sendo as demais expressões de orientação sexual consideradas aberrações e desvios (JUNQUEIRA, 2007). Homofobia é o termo que George Weinberg utilizou pela primeira vez em 1972. A palavra designa o medo do semelhante, mas podemos entender como a repulsa ou ódio em relação à homossexualidade. Esse comportamento de repulsa foi fomentado por muito tempo pelo enfoque dado na busca da causalidade da orientação homossexual, e dentre elas a forte influência da Medicina entendendo a homossexualidade como uma patologia. Somente em 1990, a Organização Mundial da Saúde excluiu a homossexualidade do Código Internacional de Doenças - CID.

2 MÉTODO

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, que tem como objetivo o olhar aprofundado sobre os significados expressos pelos indivíduos. A pesquisa qualitativa "baseia suas conclusões nas descrições do real cultural que lhe interessa para tirar dela os significados que tem para as pessoas que pertencem a essa realidade" (TRIVIÑOS, 1987, p. 121).

Buscamos participantes de pesquisa balizados pelos seguintes critérios: serem homens ou mulheres que se percebem como homossexuais, terem entre 20 e 30 anos e que residam na cidade na qual fizemos a pesquisa por mais de dois anos. A faixa etária se deve à busca por sujeitos que atravessam um momento de fortalecimento na formação da identidade na perspectiva de Erik Erikson. Neste período da vida, se dá a busca por relações com maior intimidade com o outro e uma necessidade de se estabelecer relações profundas com intimidade e entrega afetiva (AGUDO, 2008). Com relação ao critério da cidade, partimos do pressuposto de que, pelo fato de viverem em uma cidade interiorana, são grandes os desafios para a vivência da orientação homoafetiva. Uma cidade de menor porte é supostamente mais conservadora, com menos espaço para a diversidade. No entanto, independente do porte da cidade, partimos da hipótese de que

vivemos numa sociedade heterocentrada, que desvaloriza os sujeitos sociais de orientação diversa da heterossexualidade.

Foram entrevistados sete sujeitos, homens e mulheres que se consideram como homossexuais. Os sujeitos foram recrutados a partir da rede de conhecidos da equipe de pesquisa. Após um primeiro contato, os participantes eram indagados sobre a disponibilidade em fornecer as entrevistas. A partir desta informação, as entrevistas foram agendadas e realizadas em um consultório cedido pelo Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade Federal de Goiás. A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa da UFG, protocolo 110/12. Para realização dessa pesquisa, foram utilizadas entrevistas com os participantes que aceitaram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

A entrevista semiestruturada foi utilizada para a coleta de dados, o que permitiu flexibilidade para a formulação de novas perguntas durante as conversações. A boa relação estabelecida entre pesquisado e pesquisador foi de fundamental importância para um fluxo produtivo das entrevistas.

Para a análise dos dados foi adotada a metodologia da Teoria Fundamentada nos Dados. A codificação na teoria fundamentada exige dedicação do pesquisador que deve comparar dados com dados. Codificar significa nomear segmentos de dados para descrever o sentido do que está sendo expresso (CHARMAZ, 2009). A codificação inicial consiste em uma primeira etapa na qual é possível nomear grandes montantes de dados. A codificação focalizada exige a tomada de decisão sobre quais os códigos iniciais permitem uma compreensão analítica melhor para caracterizar os seus dados de forma adequada. As entrevistas foram codificadas na margem, após a discussão entre a equipe de pesquisa. Depois os códigos foram reunidos numa tabela e agrupados por afinidade temática, formando as subcategorias. As famílias de subcategorias formaram as categorias. Os resultados, apresentados a seguir, foram construídos a partir dessa tabela de códigos, subcategorias e categorias. Outro passo importante foi a elaboração dos memorandos que são textos construídos para abordar temas que não estão presentes diretamente nas falas dos entrevistados, mas que se encontram latentes nos dados. Através dos memorandos, foi possível também estabelecer relações entre categorias que não estavam explícitas. A elaboração dos memorandos embasou a análise dos dados (CHARMAZ, 2009).

As categorias construídas foram: (1) Descoberta e revelação; (2) Percepções e significados sobre a homossexualidade; (3) Estratégias para a vivência da identidade homossexual e (4) Condições facilitadoras e obstáculos para a vivência da homossexualidade. A seguir, serão descritos os resultados a partir das categorias construídas bem como os sujeitos que contribuíram para a construção dos códigos e subcategorias. Os participantes serão designados pela letra S de sujeito e seguidos por números que indicam a ordem no qual foram entrevistados.

3 RESULTADOS

3.1 Descoberta e revelação

A pesquisa revelou que a construção da identidade homossexual se dá em um processo, no qual, primeiramente, há a descoberta da orientação sexual. Este período é marcado por confusão, dúvidas e sentimentos contraditórios (S3, S4, S6 e S7). Nesse período de descoberta, os participantes relataram suas primeiras experiências sexuais (S1). Em alguns casos, as primeiras experiências afetivas e sexuais foram heterossexuais (S2, S3 e S5).

Neste período houve um processo dinâmico e ambíguo de aceitação e rejeição na revelação da orientação homossexual. O sujeito se percebe como homossexual, mas não aceitava ou não compreendia o processo que estava sendo vivenciado. Ou ainda, os sujeitos sempre se perceberam como homossexuais, mas negavam essa experiência (S1, S2 e S5). Por outro lado, para alguns houve facilidade em aceitar as primeiras experiências (S1 e S6). Para os que não aceitaram as primeiras experiências, houve uma crescente fuga do contato com a própria sexualidade (S2 e S5). Vivências de solidão, desamparo e dúvidas nestas primeiras vivências foram relatadas (S4 e S7). Na descoberta da orientação homossexual, o sujeito tentava aceitar seu desejo e buscava estratégias para revelar sua identidade sexual para as pessoas mais significativas (S4). No processo de construção identitária, a revelação é um momento difícil, com sentimentos de desamparo e muitas dúvidas envolvendo a revelação (S1, S3 e S5). No momento da revelação, existia um desconforto considerável (S6), com a presença constante do medo de rejeição (S7). No entanto, a revelação era sentida com muita urgência, continuar a esconder era percebido como

fonte de adoecimento (S7). Após o processo de descoberta e revelação, havia a tentativa da construção da identidade homossexual, cujo ápice se dava na autoaceitação do sujeito (S1, S2 e S3).

3.2 Percepções e significados sobre a homossexualidade

Na construção da identidade homossexual, as percepções e significados sobre a homossexualidade desempenham um fator de suma importância. Existem os significados que cada entrevistado possui da homossexualidade, bem como a compreensão das maneiras pelas quais a sociedade percebe a homossexualidade.

Primeiramente, vejamos como os informantes percebem a visão social sobre a homossexualidade. A percepção do indivíduo sobre os significados atribuídos pelo social interfere diretamente na forma de expressar, viver e compreender a sua orientação sexual. Os sujeitos percebem que existe uma forte estigmatização social da homossexualidade como desvio/doença (S7). Há também a representação social do homossexual como alguém que desafia os comportamentos que a sociedade considera como desejáveis (S7). A sociedade percebe de forma estereotipada o homossexual como aquele que não controla a própria sexualidade, ou seja, o homossexual pode tentar seduzir qualquer pessoa, indiscriminadamente (S1, S3 e S7). A orientação homossexual torna invisível outros aspectos da personalidade, os sujeitos passam a ser reconhecidos somente pela orientação sexual e não por outros atributos das suas identidades (S3, S5 e S6). As mídias veiculam imagens distorcidas da identidade homossexual, contribuindo para aumentar o preconceito (S1 e S5). A sociedade lida de forma ambivalente com a diferença, ora as pessoas toleram, ora as pessoas rejeitam (S3). Quanto às famílias, elas aceitam a identidade homossexual de algum familiar, mas temem uma possível rejeição social (S1, S5, S6 e S7). Há uma tolerância da homossexualidade pelo critério do laço sanguíneo, ou seja, os familiares sentem-se obrigados moralmente a aceitarem a identidade sexual dos filhos (S1, S5 e S7). Neste processo, os familiares não rejeitam a pessoa, mas sentem-se desconfortáveis ou constrangidos quanto à sua identidade sexual (S7). Os sujeitos também percebem que a homossexualidade

causa curiosidade e estranheza, por não ser considerada normal (S5). A homossexualidade masculina seria mais estigmatizada, quando comparada com a feminina (S5).

Agora vejamos os significados adotados e construídos pelos próprios entrevistados que, obviamente, são influenciados pelos significados sociais sobre a homossexualidade. Alguns chegam a fazer coro, concordando com a repressão social sobre a homossexualidade (S1, S5 e S7). Há, entre os sujeitos, uma representação negativa da homossexualidade, como algo que é desviante e incorreto (S1, S5 e S7). A orientação homossexual é percebida como um fardo para o sujeito 7. O sujeito 5 percebe a homossexualidade como desvio e por isso busca sua origem ou causa. Há a percepção de que a instabilidade diferencia relacionamentos heterossexuais de relacionamentos homossexuais, sendo esses últimos mais instáveis (S5). Os comportamentos que expressam de maneira mais aberta a orientação homossexual, como os dos travestis, por exemplo, podem contribuir para aumentar o preconceito (S5). Enquanto os significados anteriores compactuam com o estigma social sobre a homossexualidade, os significados descritos a seguir trazem uma leitura diferenciada dos ditames sociais. O desejo sexual transcende o gênero, é a pessoa que pode ser atraente independente de ser homem ou mulher (S6). Há um desejo de que as pessoas sejam reconhecidas para além da sua orientação sexual (S5). O sujeito 6 percebe as relações homossexuais femininas como mais íntimas afetivamente. Os homossexuais já não podem mais ser reconhecidos somente pela sua caracterização visual, o que permite quebrar uma visão estereotipada (S7).

Estes significados e percepções sobre a própria orientação sexual permitem a vivência da homossexualidade de forma mais saudável ou mais problemática. Este mapeamento das percepções foi útil para o entendimento das atitudes, sentimentos e estratégias que permeiam a vivência da identidade sexual dos entrevistados.

3.3 Estratégias para a vivência cotidiana da orientação homossexual

Como vivemos em uma sociedade heterocentrada, os entrevistados revelaram em seus discursos uma necessidade de construção de estratégias para a vivência das suas identidades sexuais. O medo de rejeição e reprovação social foi o maior catalisador destas estratégias. Busca-

se, nestes comportamentos, uma inserção social. Os sujeitos se monitoram para evitar comportamentos que possam revelar sua identidade sexual, como forma de evitar rejeição (S1, S4 e S7). Como consequência, há a preferência de conviver com pessoas da mesma orientação sexual, o que pode explicar a formação de guetos nos quais as pessoas se sentem protegidas (S6). A autoaceitação é uma forma de suporte para o enfrentamento de possíveis rejeições (S2). Os homens de orientação homoafetiva podem adotar o mundo feminino como referência identitária (S3), assim como as mulheres podem adotar o mundo masculino como referência (S5). Os comportamentos dos sujeitos homossexuais devem se adequar ao contexto e à situação (S3). Alguns entrevistados relatam que a estratégia de mudança de ambiente – mudar de cidade ou ir para algum contexto mais permissivo - libera a vivência da identidade homossexual (S5, S6 e S7). Existe, também, uma espécie de negação das dificuldades na qual o sujeito minimizava as dificuldades em se viver a homossexualidade (S1).

A vivência da identidade homossexual é marcada por uma ambivalência entre a submissão e as tentativas de rupturas em relação à heteronormatividade. Alguns sujeitos se posicionam de forma submissa à heteronormatividade, com a adoção da identidade heterossexual como norma e as demais sexualidades como desviantes. Sentem necessidade de viver nos parâmetros da heterossexualidade (S1, S2, S4 e S5). Isto pode tomar a forma na busca de um parceiro que se enquadre nos papéis tradicionais de gênero, por exemplo (7).

Por outro lado, ao questionar a sociedade heteronormativa, os sujeitos reivindicam igualdade de condições para o estabelecimento de relações afetivas e familiares para homossexuais e heterossexuais (S1 e S3). Percebem a necessidade de uma maior politização e um maior envolvimento nas lutas por melhorias por parte dos homossexuais (S3 e S5). Há uma recusa em ceder aos parâmetros sociais na esfera da intimidade, na busca de uma liberdade frente às pressões sociais (S6). Há a necessidade de afirmar que a homossexualidade não é um desvio (S7). Aderir à luta pela igualdade é uma forma de combater o preconceito (S3).

Desta forma, percebe-se que a vivência da identidade homossexual convida os sujeitos a inventarem diversas estratégias para lidar com os desafios no exercício de uma sexualidade ainda considerada desviante numa sociedade heteronormativa. A submissão às regras heteronormativas

convive, ao mesmo tempo, com um desejo de maior liberdade e igualdade de condições sociais para todas as sexualidades.

3.4 Condições Facilitadoras e Problemáticas

Existem condições que se tornam suporte para o percurso de construção identitária e outras condições que se constituem em fortes obstáculos. O suporte social de pessoas próximas do sujeito pode auxiliar neste processo. A relação com alguém significativo facilitou a descoberta da identidade homossexual, assim como as amizades aparecem como apoio para enfrentar os momentos de aceitação das primeiras experiências homoafetivas (S1, S2, S3 e S6). Outra condição que aparece como facilitadora é poder contar com o exemplo e apoio de pessoas que assumiram a sua identidade homossexual. Estas abrem caminho para que outras pessoas possam viver também a sua sexualidade (S3 e S7). O suporte familiar para vivência da sexualidade apareceu como fator fundamental para o bem estar diante da própria orientação sexual (S3, S4, S5, S6 e S7). A principal contribuição das famílias é que podem ser uma referência no combate e na superação do preconceito estabelecido pela sociedade, funcionando como uma instituição de proteção às hostilidades externas (S7). Devido ao papel significativo desempenhado pela família, o sujeito homossexual acaba estabelecendo uma relação de extrema gratidão pelo suporte familiar, sentindo que a família fez além do esperado (S7). Outro fator facilitador foram as interações virtuais que possibilitaram ao indivíduo buscar companheiros ou pessoas que estivessem passando pela mesma situação sem a necessidade de expor a sua identidade (S4 e S7).

As condições sociais desfavoráveis são enfrentadas com um aumento de autossuporte que é usado como escudo das hostilidades externas, uma proteção ao sofrimento (S3 e S7). A autoaceitação se faz importante no enfrentamento dos desafios (S7). A autenticidade é adotada como modo de encarar os desafios da vida, sem preocupar-se com os rótulos e estigmas colocados pelo tecido social, construindo no indivíduo uma segurança para viver o que é importante e significativo (S3, S6 e S7). Existe o desejo de lutar por uma vida profissional bem sucedida para demonstrar que a orientação sexual não interfere na conquista desses objetivos e não determina a capacidade do sujeito (S3 e S5).

Os entrevistados refletiram sobre várias condições problemáticas para a vivência da identidade homossexual. A maior parte dos entrevistados apontou a rigidez familiar como um obstáculo (S1, S2, S3, S4, S5 e S6). Existe uma incoerência entre o discurso e a ação na aceitação da homossexualidade por parte da família, que afirma ter aceitado por um lado, mas proíbe quaisquer manifestações homoafetivas no meio familiar, por outro (S3 e S7). Existe um preconceito camuflado na própria família que se apresenta a favor das diferenças e na prática acaba reproduzindo inúmeros comportamentos preconceituosos (S5 e S6). No campo profissional, existe uma forte insegurança nos sujeitos, que entendem que em alguns momentos a orientação homossexual pode limitar possibilidades profissionais (S3 e S5). Existem também os obstáculos intragrupos, com a divisão de grupos por suas características de expressão. Os travestis são os mais rejeitados (S3). A homofobia está presente independente do tamanho da cidade segundo os entrevistados que já passaram por situações constrangedoras em capitais ou cidades interioranas (S2 e S6). A cidade na qual residem aparece nos discursos como contexto problemático para a vivência da homossexualidade (S3, S4 e S6). Existe presente um constante medo de rejeição e agressão e esses fatores fazem com que as pessoas de orientação homoafetiva estejam sempre controlando seus comportamentos. Perdem sua liberdade de expressão em troca de segurança pessoal (S1 e S4). O sujeito 4 relata um sentimento de injustiça e impotência diante das situações agressivas e das reprovações e discriminações. Há uma expectativa constante de rejeição que gera no sujeito a sensação de estar em evidência. A identidade sexual é vivida como uma anomalia (S6). A perda de relações afetivas de pessoas que não aceitam e optam por se afastar é outro obstáculo significativo (S5).

Portanto, na vivência da identidade homossexual existem fortes obstáculos e algumas condições de apoio. O sujeito precisa criar estratégias para construir sua identidade de forma a evitar os adoecimentos físico e psicológico. Se há algum suporte, o sentido positivo pode advir da vivência da homossexualidade. Os obstáculos, por outro lado, colocam os sujeitos em posição de extrema fragilidade, gerando angústia e isolamento.

4 DISCUSSÃO

A ideia de que a vivência da identidade homossexual se dá em um processo de construção foi um achado significativo da pesquisa. Os participantes precisaram se diferenciar de uma identidade heterossexual, que já é dada pelo contexto social. Este processo conflituoso, cheio de incertezas e marcado pelo desamparo, se deu em três momentos: descoberta, aceitação e revelação. A descoberta da orientação sexual foi vivenciada através de sentimentos de confusão, dúvidas e até negação do desejo sexual. A descoberta do prazer/afeto por pessoas do mesmo sexo está permeada de crenças sociais heteronormativas que apregoam que o esperado é a ocupação do papel de gênero de acordo com o sexo biológico (WELZER-LANG, 2001). A construção da identidade homossexual realizada em etapas também é discutida por Pereira, Ayrosa e Ojima (2006) que argumentam que, primeiramente o sujeito passa por um momento no qual se sente marginalizado e diferente dos demais, depois um estado de confusão e ambivalência no qual podem esconder ou aceitar parcialmente sua orientação sexual. Este estado de confusão tem uma relação direta com o estigma social que recai sobre a homossexualidade. Em um terceiro momento o sujeito se define como homossexual, mas se revela somente dentro de grupos frequentados por homossexuais. Por fim, o sujeito adota a identidade homossexual como um modo de vida, sendo a orientação sexual percebida de forma mais confortável. A sensação de bem estar aumenta gradativamente na vivência deste processo.

No caso dos participantes, apesar de se perceberem tendo sentimentos por pessoas do mesmo sexo, grande parte deles iniciou sua vida sexual/amorosa em relações heterossexuais na tentativa de enquadrar-se no padrão social. Pode-se perceber neste processo de construção identitária que o sujeito homossexual vive em dois mundos, pois são influenciados pelos padrões do mundo heterossexual, mas começam a ter contato com grupos gays (PEREIRA; AYROSA; OJIMA, 2006). Na etapa em que aceitam a si mesmos, relatos de alívio são tecidos pelos sujeitos entrevistados. Neste ponto, a tarefa da revelação da própria orientação começa a ganhar força. Os participantes sentem uma grande pressão interna para socializar uma vivência que estava oculta no domínio do imaginário.

Os sujeitos precisam ir na contramão das prescrições sociais, pois a sociedade que estigmatiza convida os homossexuais a manipularem as informações sobre eles mesmos para realizarem práticas afetivo-sexuais em segredo. Portanto, o triunfo da heterossexualidade faz a

homossexualidade ser uma experiência secreta envergonhada (ANJOS, 2000). A pressão para o ocultamento advém da rejeição social de comportamentos homossexuais que são correntemente interpretados como um desrespeito ao padrão da virilidade masculina. Determinados grupos sociais pretendem buscam impedir a difusão de ideias e comportamentos que possam desconstruir suas crenças (GOUVEIA; CAMINO, 2009). Talvez a homossexualidade seja tão combatida porque ela é uma expressão humana que foge do controle e da disciplina dos mecanismos sociais (SILVA, 2007).

O estigma que envolve a homossexualidade influencia no processo de construção da identidade e na expressão desta identidade. Gradualmente o sujeito assimila o rótulo de homossexual para si mesmo (PEREIRA; AYROSA; OJIMA, 2006). Mesmo com tais condições adversas, existe um processo de um aumento progressivo do desejo de revelar uma questão identitária tão importante. No ensaio da revelação, o forte medo da rejeição toma conta e assume uma forte intensidade de sofrimento. A família constitui um importante aspecto no processo de construção da identidade homossexual. A grande preocupação dos participantes estava relacionada ao momento da revelação para a sua família.

Apesar da existência de valores bastante tradicionais em cidades interioranas, existe espaço para a aceitação familiar da orientação sexual diversa. A maior parte dos entrevistados relatou que o processo de aceitação familiar passou por um período conturbado, até que os pais se habituem à nova realidade, passando a aceitá-los. No entanto, parece que essa aceitação é ambígua, pois a homossexualidade acaba sendo posteriormente ignorada por parte dos familiares. Pode ser que isto esteja relacionado com a ideia de que a família é a instituição protetora e de que os laços sanguíneos devem preponderar diante das divergências quanto às práticas sexuais. Esta obrigação social de amor incondicional pode levar os pais a tentarem conviver com a orientação sexual dos filhos. O suporte da maioria das famílias dos entrevistados é um dos fatores mais importantes para a vivência da identidade homoafetiva, aspecto que surpreendeu a equipe de pesquisa que esperava encontrar somente vivências de obstáculos nos relatos. A relação de parentesco determina mais os afetos dos familiares do que os preconceitos que eles carregam. Ou a expectativa social de que a família deva cuidar de seus membros é mais forte do que a homofobia que cada um carrega. Mesmo com esta ambiguidade, o suporte familiar é algo muito

importante para o sujeito, que é vivido como principal aspecto facilitador para a vivência da orientação sexual. Os participantes sentem uma grande gratidão pela aprovação ou não rejeição dos pais, conforme relata S5:

Minha mãe foi conselheira, falou da realidade, só que depois nessa mesma conversa demonstrou que estaria do meu lado pra tudo, que isso seria visto como um detalhe, que não ia afetar em nada porque ela era a minha mãe e que não iria mudar nada! Isso foi uma coisa boa porque ela era a única pessoa que tinha que estar do meu lado porque se ela tivesse do meu lado eu conseguiria, igual eu consegui levar isso de uma forma melhor. Com ela do meu lado eu não iria me importar, agora se ela tivesse ido contra eu não sei como seria...

Outro achado inesperado pela equipe de pesquisa refere-se às respostas diferentes quanto ao enfrentamento dos padrões heteronormativos. Alguns buscam a adaptação e outros buscam a politização e a resistência. Há reflexões dos participantes que se afinam com a repressão social sobre a homossexualidade, que reprovam ambientes de convivência homossexual, por exemplo. Percebe-se uma discriminação intragrupo através da reprovação dos homossexuais mais estereotipados como os travestis ou lésbicas mais masculinizadas. Há um esforço em se enquadrar nos valores tradicionais e heteronormativos, mesmo que isso signifique a limitação de suas expressões ou o constante automonitoramento de seu comportamento. Isto traz grande sofrimento como o fato de considerar-se um desviante ou a busca incessante da origem da própria orientação sexual. Os sujeitos que buscam a adaptação à sociedade heterocentrada reprovam os homossexuais que buscam pela igualdade de direitos, os que seriam mais “politizados”. Neste sentido, Anjos (2000) argumenta que existe entre alguns grupos de homossexuais a reprodução das relações tradicionais de gênero, com um reposicionamento das hierarquias de gênero e a discriminação de alguns percebidos como afeminados. Existe uma divisão no movimento homossexual, com uma rachadura que separa o grupo em pessoas que querem se omitir, esconder-se *versus* um grupo mais articulado na luta por tornar a homossexualidade somente mais uma forma de diversidade sexual. Os homossexuais que pretendem ser mais “discretos” condenam veementemente eventos como as Paradas do Orgulho Gay, por exemplo. Não aprovam a exposição excessiva na mídia.

Por outro lado, existe um forte anseio por mudanças pelos que tecem críticas à falta de politização e ausência de lutas para a inserção dos homossexuais. Acreditam na necessidade de

mostrar que sua orientação sexual não é um desvio e nem uma doença. Estes anseios mapeados estão em consonância com a observação de França (2006) de que existem segmentos que optaram pela construção política de espaços de sociabilidade fundamentadas na visibilidade e no orgulho em pertencer a uma identidade não heterossexual. Estes grupos parecem entender que a sexualidade não se define pela própria sexualidade, nem pelos aspectos biológicos, mas é uma construção social. Pretendem provocar rupturas em uma sociedade que se autodeclara como heterossexual e que reserva privilégios e prestígio para os sujeitos que se encaixam nestes padrões (SILVA, 2007).

A saída dos guetos representa uma busca dos grupos homossexuais para romper com a invisibilidade, questionando e tentando redefinir a posição social de identidades não heterocentradas (ANJOS, 2000). Há um processo em curso de construção de identidades coletivas articuladas à atuação política que visa produzir uma identidade positiva em relação às orientações homossexuais e uma forte reivindicação de participação na vida social (FRANÇA, 2006). Mesmo com algumas mudanças em curso, ainda há contextos sociais difíceis para a vivência da diversidade sexual. Existe a esperança de que esteja em curso um processo evolutivo para esta aceitação na sociedade, mas isto só vai ocorrer se houver mais empenho político em lutar pela igualdade de tratamento e em evidenciar mais as diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar os relatos de experiências de jovens adultos homossexuais que residem em uma cidade de pequeno porte, buscando compreender o significado da homossexualidade para estes sujeitos, bem como os desafios e estratégias adotadas na vivência da sua sexualidade. Partimos do pressuposto de que haveria dificuldades em viver a orientação homossexual numa cidade interiorana onde os valores heteronormativos são predominantes (WELZER-LANG; 2001; SMIGAY, 2002). Ao mesmo em que existe uma ânsia em quebrar padrões heteronormativos, há também um forte desejo em mantê-los ou obstáculos significativos para quebrá-los.

A identidade homossexual é construída, de forma que a identidade sexual só é alcançada depois da descoberta, revelação e superação dos jogos dinâmicos de aceitação e rejeição do próprio indivíduo. A autoaceitação é um desafio encontrado e relatado por grande parte dos entrevistados. Foi destacado papel da família como principal auxílio e principal fonte de sofrimento simultaneamente. Existe presente o medo de decepcionar os pais e de deixar de pertencer ao grupo familiar. Porém, quando a família acolhe, este suporte é visto como primordial para a segurança e bem estar do jovem adulto homossexual. Existe uma divisão entre os que buscam adaptarem-se às regras de uma sociedade heterocentrada, evitando expor sua sexualidade. Por outro lado, encontramos aqueles com um forte desejo de politização, de lutar pelos direitos de igualdade.

A Psicologia, em acordo com a resolução nº 001/99 do Conselho Federal de Psicologia preservando seu ideal ético quanto à promoção dos direitos humanos, afirma as diversidades sexuais como possibilidades da existência humana. A presente pesquisa procurou contribuir para uma maior visibilidade da identidade homossexual, demonstrando o sofrimento de pessoas que não se encaixam nas exigências feitas por uma sociedade heteronormativa. Dar voz a estes grupos pode contribuir para diminuição do preconceito e do estigma. Temos a crença no papel da pesquisa como ferramenta transformadora da sociedade. O estudo aponta a grande necessidade de promover mais espaços para falar da sexualidade e de suas diversas expressões humanas, de forma mais ampla.

ITINERARY OF IDENTITY CONSTRUCTION IN HOMOSEXUAL YOUNG ADULTS

Abstract: This paper is about a research report that investigated the experiences in identity construction of homosexual young adults. To better understand the relationship between the pursuit of identity construction in subjects who perceived themselves as homosexuals and obstructive hetero normative social processes, we carried out a qualitative study with seven homosexual participants. The interviews were analyzed using grounded theory, and the preparation of categories representing the main themes. The construction of homosexual identity involves the discovery and testing at the time of revelation. There are social and personal supports for homosexuals as well as numerous personal and social obstacles. This research aims at contributing to the reduction of stigma and prejudice against homosexual identities and giving voice to a neglected social segment.

Key Words: Identity. Homosexual. Hetero normativity.

Referências

AGUDO, Viviana Raquel Cascalheira. **A transição para a idade adulta e seus marcos:** que efeito na sintomatologia depressiva? 2008. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa, Portugal, 2008.

ANJOS, Gabriele dos. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 2 , n. 4, p. 274-305, 2000.

BRUSCHINI, Cristina; SARTI, Cynthia. **Relações de Gênero. Gênero e Geração de Renda.** Programa UNICEF: São Paulo, 1990.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada:** guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução CFP nº 001/1999.** Brasília.

CORINO, Luiz. Carlos Pinto. Homoerotismo na Grécia Antiga. **Biblos**, Rio Grande, v. 19, n. 01, p.19-24. 2006.

DOVER, Keneth James. **A homossexualidade na Grécia Antiga.** São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no movimento LGBT brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad. Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, v. 1 n. 3, p. 54-81. 2009.

FRANÇA, Isadora Lins. “Cada macaco no seu galho”? Poder, identidade e segmento de mercado no movimento homossexual. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 103-115. 2006.

GOUVEIA, Raimundo; CAMINO, Leoncio. Análise psicossocial das visões de ativistas LGBTs sobre família e conjugalidade. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 47-65. 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Revista Bagoas**, Natal, v.1, n.1, p. 145-165. 2007.

JURKEWICZ, Regina. **Cristianismo e Homossexualidade. Movimentos sociais, Educação e Sexualidades.** Rio de Janeiro. Garamond, 2005.

MERENGUÉ, Devanir. **Inventário de afetos: inquietações, teorias, psicodramas.** São Paulo: Àgora, 2001.

OLIVEIRA, Roberto Menezes. **Campo de ação das identificações na constituição da homossexualidade masculina.** 2002. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

PEREIRA, Bill, AYROSA, Eduardo André Teixeira & OJIMA, Sayuri. Consumo entre gays: compreendendo a construção da identidade homossexual através do consumo. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 01, n. 16, p. 115-136. 2001.

SILVA, Valdeci Gonçalves da. A visibilidade do suposto passivo: uma atitude revolucionária do homossexual masculino. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 71-88. 2007.

SMIGAY, Karin Ellen. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. **Psicologia em Revista**, v.8, n.11, p. 32-46. 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Atlas, 1987.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, v. 09, n. 02, p. 460-482. 2001.